

## MEU NOME É LIV: YOUTUBERS MIRINS E SEUS ENGAJAMENTOS IDENTITÁRIOS NA RELAÇÃO COM AS INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS

*MY NAME IS LIV: KIDS YOUTUBERS AND THEIR ENGAGEMENTS OF IDENTITY IN RELATIONS WITH CONTEMPORARY CHILDHOODS*

Elisa Bastos Araujo<sup>1</sup>

RECEBIDO EM: 29/04/2020 | ACEITO EM: 30/05/2020

DOI: 10.5902/2317175843925

### RESUMO

Neste artigo, iremos analisar como os engajamentos identitários em torno do ser criança, articulados a ecologias de pertencimento, de youtubers mirins nos deixam ver alguns de seus modos de ser e estar no mundo. Reconhecemos, através do olhar para o audiovisual infantil no YouTube, uma multiplicidade de contextos, construindo conjunturas que deixem ver os processos sociais contemporâneos. Todas essas questões também nos trazem reflexões sobre a mobilização de afetos em torno das infâncias no Brasil contemporâneo. Partimos de uma imersão em alguns textos da obra de Lawrence Grossberg (2005; 2010a; 2010b; 2015; 2018), no que se refere especialmente ao conceito de afeto e o que ele mobiliza teoricamente.

**Palavras-chave:** Infâncias; Youtuber mirim; Afeto; Engajamentos identitários.

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo PósCom (UFBA), com bolsa CAPES. É pesquisadora do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações da Cultura. Jornalista formada pela Universidade Federal Fluminense.

## ABSTRACT

*In this article, we will analyse how the engagements of identity around the childhood of kids youtubers, articulated to ecologies of belonging, let us see some of your ways of being in the world. We recognize, through the audiovisual production of kids on YouTube, a multiplicity of contexts, building conjectures that let us see the contemporary social process. All of this questions also bring us reflections about the mobilization of affects around the Brazilian contemporary childhood. We start from an immersion in some texts of Lawrence Grossberg's work (2005; 2010a; 2010b; 2015; 2018), especially about the conception of affect and what it mobilizes theoretically.*

**Keywords:** *Childhood; kids youtubers; affect; engagements of identity.*

### 1 "Se inscreva no canal, pra ficar legal!": introduzindo afetos...

Ao convocar o espectador a se inscrever no canal, o youtuber, ao passo em que demarca aquele como o seu espaço, também reconhece o lugar de quem o assiste. Ele sugere que o espectador crie vínculos com o seu canal, ao ter acesso a informações periódicas sobre quando os vídeos serão postados. É uma estratégia para o espectador acompanhar os canais que gosta ou com os quais tem afinidade, seja pelos tipos de vídeos ou pelo youtuber. Trocando em miúdos: são os canais pelos quais o espectador mobiliza seus afetos.

Entendemos o afeto aqui a partir das formulações de Lawrence Grossberg (2005; 2010a; 2010b; 2015; 2018), autor que trazemos neste trabalho como principal referência teórico-metodológica. Para ele (ibid.), o afeto configura-se como uma energia de mediação - não em um sentido de "estar entre", mas de articulações complexas que põem o corpo em ação. Desta forma, o afeto se mobilizaria em torno de organizar e nortear as nossas volições a favor de certas ações. As identificações configurariam os mapas de importância por meio dos quais conduzimos nossas práticas.

O conceito de afeto é importante para nós por compreendermos a sua relação nos modos como construímos os nossos valores sociais e, portanto, como interpretamos a cultura, acionamos nossas capacidades produtivas e experiências para nos constituirmos enquanto sujeitos sociais. Entendemos, portanto, que nós nos mobilizamos e construímos contextos a partir de nossos investimentos afetivos, dentro de uma complexa constituição de fatores que configuram os nossos modos de vida na relação com as ecologias de pertencimento. Desta forma, inferimos que as maneiras como configuramos nossas vidas não são fixas e imutáveis, são parte de lutas em torno de engajamentos, energias, afetos.

As ecologias de pertencimento para Grossberg (ibid.) são os modos como articulamos e configuramos os contextos, vendo onde podemos investir nosso afeto. Nesse sentido, compreendemos que elas ajudam a mobilizar os afetos em torno de engajamentos identitários, nas formas diversas de investir

energia para disputar e encarnar identidades diversas, que também são atravessadas por distintas formas de poder. As identidades possuem diferentes formas de se engajar, pois existem diferentes ecologias de pertencimento, experiências, subjetividades e contextos.

Para os Estudos Culturais, corrente teórica a qual nos filiamos, através das concepções trazidas pelo conceito de afeto uma análise cultural não pode se prender apenas ao que está posto, ao que é visível em uma obra audiovisual, mas sim deve construir questões e conjunturas que permitam compreender as construções discursivas que envolvem as formas como construímos os produtos. O olhar do analista, portanto, é essencial, pois somente ele poderá construir essas e não outras questões, bem como as respostas a elas serão diferentes. Os contextos são construídos a partir dessas perguntas, no processo analítico, é o espaço-problema, enquanto a conjuntura é construída para analisar os contextos com o objetivo de ver as transformações e entender as respostas para ver outros futuros possíveis. Deste modo, os aparatos afetivos são importantes lugares de análise, enquanto materialidades através das quais investimos nossos afetos e construímos relações possibilitadas pelas dimensões materiais.

Objetivamos com este trabalho analisar como os youtubers mirins podem mobilizar modos distintos de ser criança através de engajamentos identitários particulares, acionando suas formas de viver e articular os seus contextos - suas ecologias de pertencimento. Deste modo, nos deixa ver alguns de seus modos de ser e estar no mundo. Nesta análise, partimos do entendimento de que produtos audiovisuais para o YouTube se configuram enquanto aparatos afetivos, ou seja, registros através dos quais atribuímos nossos valores, e, no mesmo movimento, construímos subjetividades e nos engajamos a ecologias de pertencimento (ANTUNES; GOMES, 2019; GROSSBERG, 2010a).

Importante pontuar a nossa compreensão de metodologia neste texto, a partir de Minayo (2001). Entendemos a metodologia enquanto os processos que aliam teoria, métodos, técnicas, procedimentos e reflexões sobre seus usos. Percebemos que, assim, a metodologia ajuda a explicar tanto os produtos quanto os seus processos produtivos, enquanto produtores e produtos da cultura. Não incorporamos, pois, procedimentos rígidos de investigação, pois compreendemos o lugar do pesquisador na escolha dos melhores caminhos e instrumentos. Este trabalho parte de uma investigação de doutorado que visa aliar a observação à experiência materna de crianças imersas em uma cultura digital. Este foi o modo escolhido para articular teorias, métodos, achados experimentais e observacionais em torno das infâncias contemporâneas.

Um aspecto bastante significativo é a escolha do YouTube enquanto plataforma de análise neste trabalho. Segundo o Instituto QualiBest (2019), o YouTube é a plataforma de vídeos mais acessada no Brasil, utilizada por 93% dos usuários de internet e preferida por 23% dos internautas brasileiros<sup>3</sup>. Por

<sup>3</sup> Ver em: <https://www.institutoqualibest.com/blog/youtube-e-uma-das-redes-mais-usadas-pelos-brasileiros-aponta-pesquisa/> Acesso em: 25 de maio de 2020.

si só, este já é um dado bastante significativo, mas não é a única justificativa para a escolha do YouTube na análise aqui desenvolvida. Em pesquisa ao site Social Blade, que classifica um ranking dos canais brasileiros no YouTube por quantidade de visualização, entre os dez canais mais vistos no país, cinco são canais com o conteúdo voltado para crianças. De acordo com pesquisa de 2016, a ESPM Media Lab<sup>4</sup> constatou que entre os cem canais mais consumidos no Brasil, 48 eram de conteúdo para crianças entre 0 e 12 anos.

Observamos que o YouTube se torna atrativo para as crianças especialmente por ser gratuito a quem possui acesso à internet e pela redução considerável de programação infantil na TV aberta. Outro ponto importante está na possibilidade que o YouTube proporciona publicação de vídeos a qualquer pessoa com uma conta na plataforma. A centralidade dos sujeitos no contexto contemporâneo, bem como a importância das redes sociais nesse processo chamam a atenção para o protagonismo das vozes pessoais, especialmente dos youtubers.

Ao pensarmos nas crianças que ocupam o lugar central em seus próprios canais na plataforma de vídeos YouTube isso nos é ainda mais significativo. Associadas a uma visão historicamente subalternizada, em que as crianças podiam ter voz apenas pela mediação dos adultos e sob ressalvas em torno do seu pensamento, o youtuber mirim, mesmo que sob a tutela dos adultos, nos oferece um lugar privilegiado para analisar as transformações em torno das infâncias contemporâneas, em seus aspectos de mudanças e continuidades. É nesse sentido que percebemos o importante lugar de Liv, a youtuber mirim escolhida para a análise aqui desenvolvida, tanto na perspectiva de observar a mobilização de afetos infantis, as ecologias de pertencimento e engajamentos identitários, quanto de compreender as dimensões de continuidades e rupturas em torno do ser criança na contemporaneidade.

## 2 Entre *views*, *likes* e inscrições: construindo contextos

Os vídeos produzidos por youtubers mirins para os seus próprios canais nos são um importante aparato afetivo para a compreensão dos processos de engajamentos identitários, especialmente em referência a como as crianças articulam suas infâncias a ecologias de pertencimento na relação com o audiovisual. São vídeos protagonizados pelas crianças, embora perpassem pela mediação dos pais, como parte de uma premissa institucional do YouTube, devido ao limite de faixa etária para a liberação de criação de um canal.

Dessa forma, os canais no YouTube se constituem para os youtubers mirins como espaços em que podem experimentar a sensação de liberdade para criar narrativas sobre si mesmos e sobre as suas formas de ver o mundo. No entanto, em boa parte do conteúdo percebemos que há direcionamento dos responsáveis adultos seja na edição, seleção do conteúdo e publicação que vai

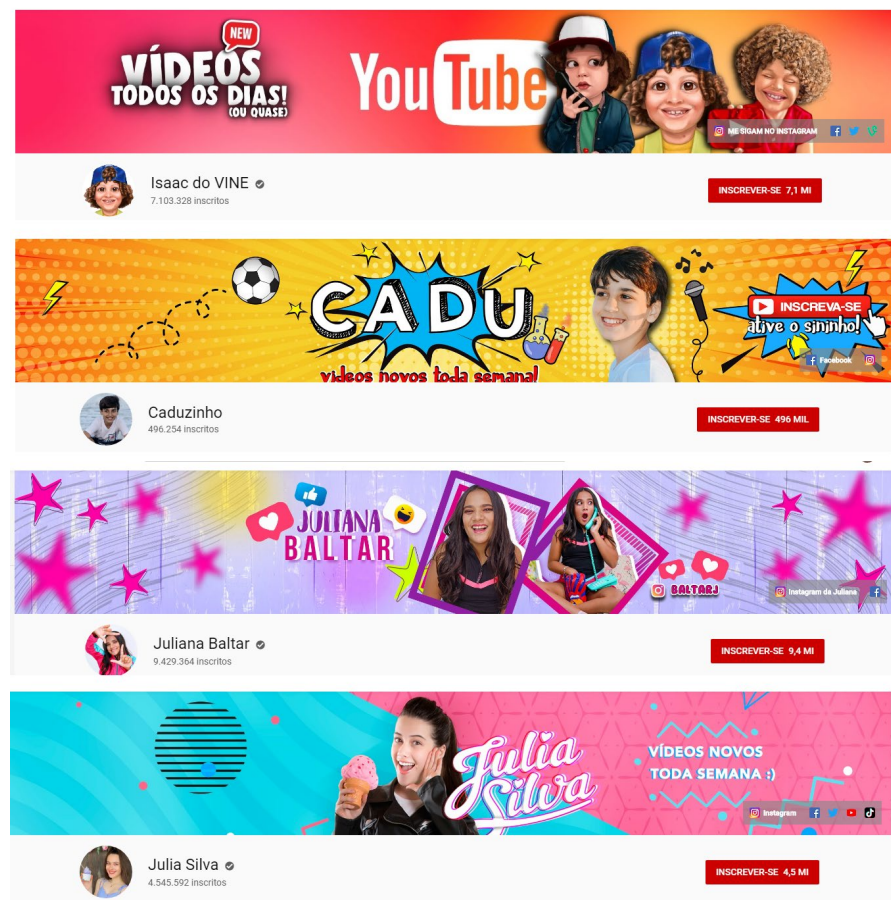
4 Ver em: <https://criancaeconsumo.org.br/biblioteca/geracao-youtube-um-mapeamento-sobre-o-consumo-e-a-producao-de-videos-por-criancas/> Acesso em: 25 de maio de 2020.

ao ar, seja até pela preparação do que a criança irá falar na rede, o que nos leva a questionar a autonomia da criança frente aos produtos do seu canal, especialmente na relação com a faixa etária. Além disso, essas produções acabam por reproduzir marcas de performances e matrizes culturais comuns entre os youtubers, continuidades estruturais socialmente reconhecíveis de linguagens e identidade de gênero. Questões de gênero, classe e raça também são construídas por meio das brincadeiras encenadas pelos youtubers mirins.

O youtuber mobiliza afetos em torno da sua relação com a infância a partir desses elementos que são social e culturalmente ancorados. Na relação com a identidade de gênero, é bastante frequente encontrarmos nos canais de youtubers mirins elementos associados ao que é socialmente estipulado como pertencente ao universo feminino ou masculino. Os canais de games, por exemplo, trazem em sua descrição ou nos tipos de vídeos que produzem marcas de recursos associados ao universo masculino: a identidade visual com cores escuras - azul, laranja, vermelho; o tipo de jogos associados aos esportes radicais ou a tiro e violência; ou, ainda, jogos de aventura e de raciocínio lógico. Os vídeos de games criados para as meninas, quando existem, geralmente envolvem questões relacionadas a beleza, como a maquiagem, salão de beleza, compras no shopping etc.

São temáticas que se repetem mesmo nos canais que não são voltados para os games: meninas ensinam tutoriais de beleza, receitas, ou encenam novelas - até mesmo indo em busca de casamento, enquanto os meninos fazem as "trollagens" (as famosas pegadinhas), brincam de gincana, ou, se há encenação, há uma supervalorização do que se reconhece socialmente como parte do universo masculino, por exemplo nas paródias em que o menino corteja e conquista a menina, ou temáticas em que o menino demonstre a sua aptidão física.

Figura 1: Fotomontagem com a captura de tela das imagens de abertura dos canais de (de cima para baixo): *Isaac do VINE*; *Caduzinho Carvalho*, *Juliana Baltar* e *Julia Silva*, que demonstram uma separação visual entre elementos reconhecidos socialmente como do universo feminino - estrelas, corações, as cores rosa e lilás; e masculino - bola de futebol, boné, tubos de ensaio.



Fonte: reprodução/ autora.

Destacamos alguns elementos relacionados a ecologias de pertencimento, na articulação com as produções de youtubers mirins para seus próprios canais. Em boa parte dos canais mais populares as crianças são brancas, com condições financeiras razoavelmente estáveis e filhos de famílias com o núcleo hegemônico formado por pais casados e, em geral, do sudeste do país. A participação dos pais também é, em geral, bastante efetiva na frente das lentes, quando passam a imagem de parceria e acompanhamento do que as crianças produzem, bem como conformam noções e valores de um brincar em família que é registrado pelas câmeras.

Observamos essas condições devido às práticas comuns das crianças nesses canais, que derivam de sua inserção nas culturas digitais, especialmente como consumidoras de outros canais similares. São práticas que demandam investimento financeiro, como o próprio acesso à internet e a instrumentos que conformem uma produção de qualidade visual, como equipamentos de luz, câmera e computadores para a edição, entre outras.

Também são crianças que, apesar de não terem como parte de seu co-

tidiano a sexualidade - por ser uma questão interdita socialmente a elas, reproduzem valores dominantes em torno da heterossexualidade. No Brasil, é social e culturalmente comum encontrarmos o reforço dessas questões desde antes da criança nascer: os “chás de revelação”, em que se revela o sexo do bebê a partir da cor rosa associada à mulher e o azul ao homem; os brinquedos tais como a casa de boneca, bonecas bebês, ferro de passar roupas, vassoura e pá, ou micro-ondas para as meninas, enquanto o menino ganha carrinhos, bolas, brinquedos de super-heróis etc.

Os percursos afetivos dos youtubers mirins demonstram disputas em torno da infância a partir do descolamento entre o que configura a prática de ser youtuber, se está relacionado a brincadeira ou se a profissionalização. Percebemos a construção de discursos que minimizam a relação com a brincadeira para destacar o fato de que a criança pode ganhar dinheiro com as produções para o YouTube. Afirmamos, pois, que as infâncias aqui trazidas têm muito mais relação com as experiências e vivências de crianças na (re)produção de culturas infantis e suas relações lúdicas contemporâneas.

Nesse sentido, seguimos Alan Prout (2005) que, ao incorporar o conceito de culturas infantis de Manuel Sarmiento (2003; 2004; 2008), afirma, em linhas gerais, que a infância não é um período exclusivamente de imaturidade biológica, mas sim constitui um componente cultural e estrutural específico de um grande número de sociedades. A infância é, portanto, parte que compõe do sujeito, enquanto categoria social constituinte de todas as sociedades, não uma etapa da vida para tornar-se adulto (MATTHEW, 1997; KOHAN, 2003).

Portanto, as vivências infantis no YouTube, com especial destaque à ação dos youtubers nas redes, devem ser tomadas também enquanto práticas das infâncias contemporâneas, relacionadas às produções culturais infantis, não apenas dicotomizadas entre o que é benéfico/maléfico às crianças, ou o que seria da ordem das crianças - brincadeira - e dos adultos - a profissionalização do youtuber (enquanto atividade que envolve ganhar dinheiro). Isto porque as crianças produzem culturas infantis (SARMENTO, 2003; 2004; 2008) e sua socialização move-se em direção dos engajamentos identitários de ser criança, não de ser adulto.

É comum encontrarmos discursos que abordam o caráter nocivo da criança iniciar atividades de trabalho no meio artístico<sup>5</sup>. A própria vinculação da prática do youtuber mirim com o trabalho infantil - nos casos em que a criança pode ganhar dinheiro - visa a sua depreciação, já que pela legisla-

---

5 A ONG *Chega de Trabalho Infantil* afirma que o trabalho das crianças em produções artísticas, como pode ser categorizada a atuação em frente às câmeras, pode ser bastante traumático. No artigo que analisamos para este trabalho, a ONG traz a fala do diretor de teatro Marcelo Pato Papaterra, que afirma que a criança não distingue a realidade quando está encenando um papel e que a atuação infantil é vista socialmente de forma errônea como uma brincadeira. Ver mais em: <https://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/noticias/materias/os-limites-trabalho-infantil-artistico/> Acesso em: 28 de agosto de 2019.

ção brasileira é vedado a qualquer menor de idade o trabalho nos termos da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT)<sup>6</sup>. Podemos perceber a vinculação do youtuber mirim à profissionalização também em práticas que estão crescendo, como a disponibilização de cursos pagos para formar youtubers, que trazem muito mais elementos de gerenciamento de marca do que propriamente aspectos relacionados a performance<sup>7</sup>.

São práticas que associam a infância a uma fase em que é necessária a proteção e o cuidado do adulto, especialmente categorizadas no Brasil pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. São mecanismos de regulamentação importantes para a proteção das crianças, mas a padronização de práticas acaba por gerar a uniformização das concepções em torno da infância, ao definir normas que tendem a tornar-se referências.

A produção de um saber pericial expresso nos diversos planos – teórico, normativo, estatístico, documental – sobre o bem-estar das crianças, sustentada em critérios de conforto e desenvolvimento humano que assentam em valores e referências induzidas através de sucessivos consensos aportados pela modernidade sobre a ideia de bem-estar social, tem como consequência a definição de “norma(s)” que tende(m) a tornar-se referência(s) exclusiva(s). A sua expressão consoma-se essencialmente em dimensões respeitantes a direitos de “provisão” – de alimento, educação, habitação, saúde... – e de “protecção” – da identidade e contra toda a espécie de maus-tratos e de exploração. Daí que os indicadores existentes, produzidos por referência a categorias ou dimensões sociais de orientação normativa, rasurem a subjectividade dos actores sociais a que se referem e suprimam a diversidade das experiências e condições de vida. A “objectivação” das condições de existência e a supressão, no trabalho de levantamento da informação, da voz dos actores sociais exprime-se, no caso dos indicadores de bem-estar das crianças, numa perspectiva predominantemente (se não exclusivamente) adultocêntrica, normativa e descontextualizada. (FERREIRA; SARMENTO, 2008, p. 61)

Entendemos que somente a desnaturalização das concepções de infância, sem negar a imaturidade biológica, é capaz de levar a compreender a variabilidade dos seus modos de construção em todas as suas dimensões históricas, sociais e culturais. Deste modo, a infância é tomada como componente da cultura e da sociedade e a criança como sujeito político. Os autores supracitados afirmam que, assim, é possível pensar em construir novos indicadores sociais que sejam atentos às condições de vida e às subjetividades infantis.

De modo semelhante, é importante pensar a padronização das faixas etárias, na relação com a infância, enquanto elemento de controle. É válido pontuar que:

<sup>6</sup> A Lei No 10.097, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000, altera os dispositivos da CLT, com vistas a tratar sobre o trabalho infantil. Ver mais em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10097.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm) Acesso em: 28 de agosto de 2019.

<sup>7</sup> A Happy Code, empresa que oferta cursos de programação e tecnologia para crianças, por exemplo, apresenta em seu escopo de cursos rápidos o curso de *Youtuber*, em que disponibiliza aos alunos informações sobre a criação do canal, abordagens sobre direitos autorais, introdução às técnicas de manutenção e geração de conteúdo. Ver mais em: <https://www.happycodeschool.com/cursos-rapidos/> Acesso em: 26 de agosto de 2019.



[...] a idade de um espaço não é harmônica com sua idade cronológica, como assinalou Milton Santos em *A Natureza do Espaço*, de 1999; que o tempo histórico se manifesta espacialmente de forma desigual, configurando diferentes paisagens geográficas e, portanto, diferenciados processos e produções sociais, o que proporciona experiências únicas de infância, talvez irrepetíveis (mesmo nas suas aproximações globais). Vivências que possibilitam juntar diferentes gerações, unindo oposições, dicotomias clássicas na tradição de pensar a infância, inventando cotidianamente crianças e adultos. (BORBA; LOPES, 2009, p. 40)

Afirmamos que a prática de ser youtuber para a criança traz outros elementos que articulam a sua exposição e ações para se fazer visto nas redes ou ser famoso<sup>8</sup> como mais uma possibilidade de ser criança, ou até mesmo, segundo Tomaz (2017c), relacionam-se com a sua existência social<sup>9</sup>. E é nesse sentido que entra a própria concepção da criança em torno do que é a sua infância e do que é brincar. Em um contexto em que as crianças possuem contato frequente com vídeos do YouTube, por exemplo, é um dos motivadores à criança querer ser youtuber, mais como uma forma de brincar de YouTube e de youtuber do que como algo que se relacione diretamente à monetização na plataforma.

Compreendemos, pois, que o consumo e a produção de vídeos no YouTube também podem ser uma brincadeira, já que a brincadeira não pode ser definida apenas como algo exterior às experiências *online*. Afirmamos isso a partir de uma inflexão da noção de brincadeira, pois “[...] através de suas experiências lúdicas, as crianças interpretam e reproduzem criativamente tudo aquilo que vivenciam, seja de maneira positiva ou negativa, sempre gerando algum tipo de aprendizagem e, conseqüentemente repercutindo em seu desenvolvimento” (BICHARA; GOMES, no prelo).

Essa existência social a que se refere Renata Tomaz (2017c) nos traz indicativos bastante específicos em relação às experiências das infâncias contemporâneas. As crianças encontram espaços de participação ativa na vida social, ganhando visibilidade e possibilidade de falar sobre si mesmas, a partir da sua diversidade de acesso às mídias sociais. O youtuber mirim ganha destaque nesta análise, pois observamos no contexto contemporâneo ocidental a centralidade de discursos dos sujeitos sobre si mesmos. No entanto, é o seu lugar de crianças consumidoras que possibilitam a expressão de seus desejos e aspirações pessoais nessas redes, pois parte das suas experiências de infância no seu poder de escolha. Ou seja, o consumo oferece uma importante posição de sujeito a essas crianças, que ganham voz enquanto crianças consumidoras. Em relação à questão da visibilidade das crianças nas redes, Renata Tomaz (2019, p. 34) afirma, ainda:

8 A autora Renata Tomaz (2017) afirma que a visibilidade das crianças youtubers mais populares pode gerar um processo de celebração, que extrapola o YouTube para a TV, para o mercado fonográfico ou editorial.

9 A autora assume que “os processos comunicacionais afetam a construção social da infância” (TOMAZ, 2017)

Aos “estranhos da era do consumo” (BAUMAN, 1997), aqueles que não gozam desse poder de escolher e consumir, dentre os quais estão muitas crianças, a mídia reserva poucos espaços, particularmente em quadros, programas e campanhas de caráter solidário, quando o faz. A visibilidade das crianças também foi questionada por Ferreira e Sarmiento (2008), ao analisarem as representações provenientes de uma série de pesquisas quantitativas, baseadas nas quais muitas políticas públicas de infância são formuladas. Segundo os sociólogos da infância, elas acabam mascarando realidades distintas em que vivem as crianças, quando oferecem grandes sínteses de dados. E o que deveria ser uma conquista torna-se um dispositivo de invisibilidade ou de “afonia”.

A brincadeira é, para as crianças, uma forma de acionar tanto os valores estéticos e culturais quanto forma de construir seus processos de subjetivação (BICHARA; GOMES, no prelo). Portanto, a brincadeira dependeria dos valores e práticas culturais adquiridos pelas crianças. Dito isso, devemos perceber, também, os movimentos que conformam contextos em torno das produções de youtubers. Aspectos como violência e insegurança das zonas urbanas, que levam à criação dos condomínios “bolha”, às crianças excessivamente em frente ao computador, além de projetos como o *homeschooling* são elementos que favorecem a constituição dessas novas formas de brincar.

As brincadeiras em frente ao computador permitem criar narrativas de si que, muitas vezes, podem parecer mais interessantes do que na vida real, ao encarnar uma personagem nas redes. No caso dos youtubers, a criança configura uma *persona*<sup>10</sup> youtuber em que as subjetividades infantis e os engajamentos identitários se articulam, também, a partir dos valores constituidores do YouTube. Muitas vezes a performance reproduzida pela criança youtuber está relacionada ao que ela conhece de outros youtubers, que configuram para ela o que se constitui o YouTube, as formas de criar narrativas de si ou até mesmo os engajamentos identitários possíveis.

Percebemos, pois, a partir de uma inflexão do que Sarmiento (2003; 2004; 2008) e Corsaro (2011) chamam de *culturas infantis*, que as dinâmicas de consumo e as que desembocam na produção de vídeos de youtubers nos deixam ver práticas lúdicas das crianças como uma forma de produzir sentido. Para Sarmiento (2003), nessa produção de sentido das crianças: “As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade” (ibid., p. 4).

Conceber as crianças como construtoras de cultura não significa desconsiderar a produção cultural realizada pelos adultos para elas. Os conteúdos midiáticos especialmente oferecem-lhes bens culturais simbólicos e materiais que, uma vez consumidos, par-

<sup>10</sup> O conceito de *persona* é aqui trazido a partir de uma inflexão do conceito trabalhado por Juliana Gutmann (2012) sobre os repórteres de telejornal. Entendemos a *persona* como uma performatização e criação de um personagem de si mesmo, em que seu corpo é um “dispositivo expressivo de interpretação” (GUTMANN, 2014, p. 167)

ticipam ativamente dos processos de construção de culturas da infância. Sem considerar esse consumo dentro de um processo interpretativo, explica Sarmento, será difícil superar a ideia proveniente do senso comum de que as crianças consomem esses produtos acriticamente e passivamente. (TOMAZ, 2017c, p. 6)

### 3 “É de criança!”: engajamentos identitários no canal *Meu nome é Liv*

Na contramão da maioria dos canais de youtubers mirins brasileiros mais populares, em que o espaço das identidades de gênero é fortemente demarcado por elementos entre o que se conhece como sendo da ordem do masculino e do feminino, a youtuber *Liv Nascimento*, que atualmente possui 7 anos de idade, nos apresenta outras formas de engajamento identitário. A *persona* que Liv nos mostra se vincula muito à reprodução de youtubers ditos polêmicos por causa de seus engajamentos identitários, que a diferem de outros canais de youtubers mirins. Por conta disso, o canal de Liv foi escolhido enquanto corpus analítico para este trabalho, pois nos permite fisgar as transformações culturais que envolvem as infâncias contemporâneas ao nos deixar ver tanto as regularidades em torno das produções populares de youtubers mirins, quanto os elementos contrários ao dominante.

Liv também é como a maioria dos youtubers mirins brasileiros mais populares: uma menina branca, de classe média/alta, nascida no sudeste do país (na capital do Espírito Santo) e que atualmente mora no exterior, embora o seu canal não traga conteúdos comuns aos outros canais. Não são vídeos em que Liv mostra como brinca com seus brinquedos, como é sua vida (os *daily vlogs*<sup>11</sup>), como joga games ou faz alguma pegadinha, ou como encena alguma novelinha ou videoclipe. Os vídeos consistem basicamente na apresentação das opiniões da menina sobre o que ela traz como “assuntos polêmicos”, no âmbito da pessoalidade e da intimidade, num espaço que para o espectador parece ser a sua casa, tal como fazem outros youtubers jovens/adultos, como Jout Jout ou Felipe Neto.

No vídeo em que comemora as 100 mil inscrições em seu canal, Liv deixa claro o que acha ser o seu papel com a publicação dos seus vídeos: “[...] E eu vou continuar fazendo vídeos pra vocês, defendendo os direitos dos animais, defendendo os direitos das pessoas! Defendendo todo mundo!” (MEU NOME É LIV, IRMÃOS NETO..., 2018). Percebemos que os engajamentos identitários se mobilizam nesse sentido a partir do entendimento da garota de desmistificar os ditos por ela “assuntos polêmicos”, em pregar o respeito e a empatia entre as pessoas, questões recorrentes em seus vídeos.

Entre os vídeos mais vistos do seu canal, Liv nos apresenta *Eu não como carne*<sup>12</sup> (mais de 535 mil views), *Política (o dia em que descobriu o que é políti-*

11 Em livre tradução, “vlogs diários”, são vídeos em que a pessoa que os produz apresenta em uma plataforma audiovisual o seu dia a dia. (CALDAS, 2018)

12 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=BUCoWb2iiKI>

ca)<sup>13</sup> (mais de 34 mil views), ou, ainda, o segundo vídeo mais visto do canal, *Brinquedos*<sup>14</sup> (mais de 133 mil views<sup>15</sup>), vídeos em que a garota tinha 5 anos de idade. Em *Brinquedos*, Liv apresenta o que diz ser o seu ponto de vista sobre brinquedos serem de meninos ou de meninas, e, a partir de muita argumentação, que envolve dizer que quer as princesas em aventuras nos jogos de videogame porque ficar sentada esperando para ser salva “é muito chato” (MEU NOME É LIV, BRINQUEDOS, 2017), ela conclui que não deve existir essa separação: para Liv, os brinquedos são para crianças e o que importa é se divertir com eles.

A garota apresenta ao espectador os seus brinquedos, inclusive o preferido: o boneco Sonic, personagem de uma franquia de jogos eletrônicos historicamente associado aos meninos. Além disso, Liv também afirma gostar de lutar judô e de brincar de super-herói, ratificando o seu lugar enquanto menina mesmo que faça coisas relacionadas socialmente aos meninos.

Figura 2: Montagem com os frames do vídeo de Liv, em que a garota exemplifica visualmente o fato de gostar de judô e de super-heróis



Fonte: reprodução/ autora.

Em outra passagem do vídeo, Liv encena um diálogo com o pai, ora interpretando a si mesma, ora representando o seu pai. Quando a menina encena o pai, para diferenciar as personagens, coloca um boné para trás e engrossa a voz, ainda reproduzindo algumas marcas de gênero, através da performance e do uso do boné.

Figura 3: Liv encena a personagem do pai



Fonte: reprodução/ autora.

<sup>13</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=sUqU7eUHBuY>

<sup>14</sup> Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=qVxZe0BRP1Q>

<sup>15</sup> Todas as informações sobre visualizações dos vídeos citados neste trabalho foram coletadas até o dia 23 de agosto de 2019, no canal *Meu Nome é Liv*: <https://www.youtube.com/channel/UCcQ0IczroKnU-Z04SgghYLOW/videos>

Ou seja, ao mesmo tempo em que busca desconstruir certas formações sociais naturalizadas em torno do gênero, Liv também acaba, indiretamente reforçando-as, de certo modo. Mas Liv nos demonstra o quanto os processos desses engajamentos identitários são espaços de luta. Ainda assim, a menina conclui no vídeo que “você pode ser o que você quiser”.

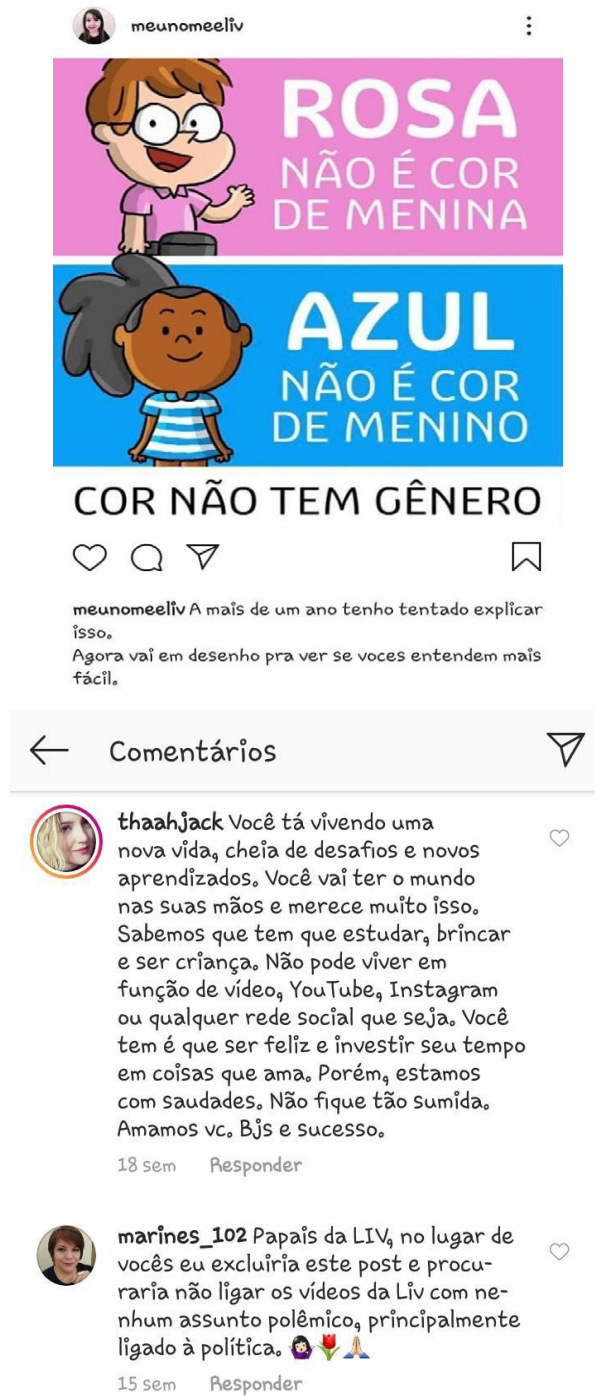
O caráter novo do vídeo de Liv sobre brinquedos rendeu uma reportagem no portal de notícias G1<sup>16</sup>, assim como em outros grandes veículos de comunicação. Não é recorrente entre os vídeos das próprias crianças a apresentação de tal temática - ou de temáticas polêmicas para serem problematizadas por elas, especialmente porque o sentido cultural do universo feminino e masculino é naturalizado a elas, especialmente na relação com a infância.

Além disso, é particularmente comum a interdição da voz da criança sobre assuntos considerados complexos, pela condição cognitiva imatura atribuída a essa fase. É como se a criança só pudesse ser menino ou menina e, portanto, os seus brinquedos só pudessem traduzir esses dois universos segregados, ou, ainda, como se criança só pudesse ou soubesse falar de assuntos “de criança”.

A menina mobiliza afetos que estão relacionados a conteúdos direcionados a adultos mais do que a crianças, inclusive ao, muitas vezes, se direcionar a eles. Ao fazermos uma análise transversal dos conteúdos postados por Liv em outras redes sociais, como o Instagram e o Facebook, é possível perceber que há um direcionamento dos pais/responsáveis adultos, mesmo que o assunto principal seja pautado por Liv. Notamos que há uma disponibilização de espaço e voz para Liv, que nos vídeos se expressa de acordo com sua personalidade e com sua *persona* youtuber, mas que, ainda assim, nos deixam ver claramente o direcionamento de um adulto. Notamos, também, que a maioria do público que comenta no Instagram da garota é formado por adultos, que a elogiam sempre na perspectiva de julgamentos ou de direcionamentos sobre o que ela deveria ser ou fazer nos seus posts.

<sup>16</sup> Veja em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/youtuber-de-5-anos-da-licao-de-genero-e-afirma-ao-g1-nao-existe-brinquedo-de-menino-e-de-menina.ghtml> Acesso em: 16 de junho de 2019.

Figura 4: Captura da tela de um post do Instagram de Liv, com alguns comentários relacionados ao que é publicado.



Fonte: reprodução/ autora.

Crianças na idade de Liv ainda estão em processo de alfabetização, mesmo que já saibam ler e escrever. Escrever as legendas ou até mesmo editar partes dos vídeos ainda é um processo que demanda ajuda de um adulto. Da mesma forma, percebemos que Liv é a protagonista dos seus vídeos, que aparenta realmente direcionar a sua própria fala naquilo que produz, mas parte

do conteúdo que é veiculado no seu canal é conduzido pelo pai da garota, Tiago Lima. O pai de Liv afirma o caráter despretensioso de seu canal, feito apenas como um modo da garota brincar<sup>17</sup>, um hobby, uma história semelhante a tantos outros canais populares. Ele afirma, ainda, que os vídeos partem do que a garota quer debater, do que ela sugere ser temática dos produtos e do que ela afirma como sua opinião a respeito.

Entretanto, percebemos em um dos vídeos de Liv, *Irmãos Neto (Lucas Neto e Felipe Neto) como conheci*<sup>18</sup>, que ela mobiliza tanto as práticas de consumo e produção no YouTube, quanto o fato de estar sendo dirigida pelo pai em sua fala, já que ela apresenta ao espectador informações que, por causa de sua idade, ela não poderia conhecer sem a mediação de um adulto. Ao falar porque gosta do conteúdo dos canais no YouTube dos irmãos Neto, Liv argumenta:

[...] Vamos pensar, vamos pensar, tinha um monte de desenhos legais pra criança na TV. Você podia assistir a TV Globinho, que tinha um montão de desenhos, e tinha o Bom Dia Companhia, e tinha um montão de desenhos que passavam na televisão todo o dia. Hoje em dia, a gente não tem mais isso, porque a gente faz isso no YouTube, que é legal, também, gente. A gente começa a procurar no YouTube vídeos para a gente assistir. Foi numa dessas que eu encontrei o Luccas Neto e o Felipe Neto e eles são dois *irmãos* (sic) que têm o cabelo colorido, e eles são muito divertidos, e o vídeo é muito legal, gente. [...] Isso não deve ser legal pra você, que já é um adulto, já é grande, que já é maduro, maduro e maduro. [...] mas pra nós, crianças, eles são muito legais, Luccas Neto e Felipe Neto e, também, os *irmãos* (sic) Neto! Tipo, você gostava muito da Xuxa, né? Eu também gostava. Eu gosto, ainda, pra falar a verdade. [...] Os nossos vídeos são meio doidinhos, mas o que vale no vídeo, mesmo, é você se divertir! [...] Porque eu gosto muito dos *irmãos* (sic) Neto, eles são muito divertidos! [...] São grandes artistas! Eles me fazem sorrir, eles me fazem feliz! Então eu sou fã deles! Sou inscrita no canal deles e respeito as doideiras deles! Gente, ninguém é normal, né? Sério, gente, ninguém é normal! (MEU NOME É LIV, IRMÃOS NETO..., 2018)

Reconhecemos, também, apesar de um modo de constituição de experiências de si nas redes e de relações com modos de construir subjetividades infantis que há nas produções de Liv uma relação com o que a garota reconhece como verdade a partir do que os seus pais/responsáveis lhe apresentam sobre o mundo. Esse aspecto também se relaciona ao fato do pai se apresentar como o responsável pela mediação daquilo que a garota publica em seu canal. É ele que faz a edição dos vídeos, por exemplo, que implica tanto a condução do tempo e da seleção dos conteúdos mais relevantes, quanto a própria noção de linguagem vinculada às marcas reconhecíveis aos vídeos de youtubers.

A noção do pai de que era só ligar a câmera e fazer a menina falar não justifica a serialização dos vídeos produzidos a partir do que eles consideram como temáticas polêmicas - ou seja, há uma condução dessa serialidade que, mesmo que seja reforçada pela própria opinião da menina, todos os procedimentos até a publicação do vídeo não envolvem apenas "uma câmera na mão e uma ideia na cabeça"<sup>19</sup>. As próprias encenações presentes em partes dos vídeos, por exemplo, vêm a ratificar essa conclusão, pois demonstram um planejamento de ação para a posterior edição.

A interação do público com os vídeos de Liv migrou para outras plataformas digitais, já que desde março de 2019 o YouTube decidiu bloquear a seção de comentários em vídeos com crian-

17 Conforme reportagem do G1 citada anteriormente, o pai da garota afirma que os vídeos foram feitos para que a menina pudesse brincar e se distrair enquanto o pai descansava ao lidar com o pé imobilizado.

18 Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=8gdrlbvngEc>

19 Frase popularmente atribuída ao cineasta Glauber Rocha.

ças<sup>20</sup>. Nesse sentido, o canal de Liv acaba trazendo uma visão unidirecional sobre as suas opiniões em relação aos assuntos que aborda nos vídeos, embora não seja a intenção evidente da menina.

O canal de Liv possui baixos números de inscritos, em relação aos canais de youtubers infantis mais populares do Brasil, bem como os números de visualização também são baixos nesse comparativo. Acreditamos que esses dados são um indicativo da mediação dos pais no consumo das crianças nessa plataforma, a partir de valores do que se acredita comumente como sendo assunto de criança, bem como pelos próprios interesses das crianças em vistas ao algoritmo da plataforma, que direciona o consumo por interesses.

A grande visualização dos vídeos de Liv muito se deve à repercussão especificamente de parte da mídia hegemônica em relação ao caráter incomum do conteúdo atribuído a uma criança. A partir da reverberação do vídeo e acompanhando movimentos feministas, especialmente por conta das denúncias de assédio sexual envolvendo personalidades de Hollywood - movimento *Me Too*, Liv foi convidada para protagonizar a campanha da Petrobras em 2017, *De carona com elas*. Neste projeto, a garota apresentava um talk show de entrevistas com mulheres que assumiram profissões historicamente associadas aos homens.

Figura 5: Captura da tela do talk show de Liv para a campanha da Petrobras.



Fonte: reprodução/ autora.

Ela sabe – e deixa bem claro! – que pode brincar do que quiser e que, da mesma forma, no futuro, poderá ser o que escolher. Por isso, é a estrela da campanha “Ela vai dirigir o que quiser”: aos 5 anos, Liv é um exemplo para crianças e pessoas de todas as idades que acreditam que nada é mais importante do que buscar a felicidade. Na websérie *De Carona com a Liv*, a menina conver-

<sup>20</sup> A empresa publicou a decisão em seu blog no dia 28 de fevereiro, alegando como iniciativa com vistas a impedir mensagens predatórias e a onda de pedofilia na plataforma, com o objetivo de prevenir a interação de usuários mal-intencionados em vídeos que apresentem “riscos de atrair comportamentos ofensivos”. Alguns poucos canais, selecionados pela plataforma, poderão manter os comentários habilitados aos usuários, porém deverão apresentar uma moderação própria. A decisão foi tomada, segundo a empresa, por conta do crescimento da publicação de vídeos provocativos para menores de idade, cujos links eram distribuídos nos comentários dos canais infantis. Veja em: <https://olhardigital.com.br/noticia/youtube-vai-desativar-secao-de-comentarios-de-videos-com-criancas/83345> Acesso em: 26 de agosto de 2019. No entanto, nossa pesquisa anterior acerca dos comentários nos vídeos de youtubers mirins reduziam-se a juízos de valor sobre o que as crianças gostaram ou não, e sobre o que gostariam de ver. Os comentários de adultos ou adolescentes, de acordo com Renata Tomaz (2017) também se desenrolavam a partir de juízos de valor, mas, em grande parte eram na via depreciativa à quantidade de visualizações e inscrições que aquele determinado tipo de vídeo poderia gerar, sem demonstrar espanto pelo ato da brincadeira.



sa com Vera Egito, diretora e roteirista, Vanessa Martins, dona de uma oficina sustentável, e Cristina Rosito, piloto de diversas modalidades de automobilismo. A apresentadora-mirim e suas convidadas se divertiram trocando ideias sobre brincadeiras de infância e, claro, profissões. Quem poderia ser melhor do que ela para apresentar esse talk show com convidadas que são mulheres tão inspiradoras? Além de se divertir em frente às câmeras, a pequena Liv dá um show quando o assunto é empoderamento feminino, inspirando principalmente meninas e mulheres a enxergar o mundo como um universo de possibilidades. Virar policial, bombeira, dentista ou enfermeira? Seus sonhos não têm barreiras, e as mulheres que Liv conheceu são mestres em dirigir a própria vida, mesmo enfrentando os desafios de atuarem em áreas tradicionalmente mais masculinas. (PETROBRAS, 2017, s/n)

Apesar da periodicidade ser um dos valores associados às publicações de youtubers, Liv escapa dessa lógica, pois as postagens dos seus vídeos não seguem um padrão de serialização. Após um hiato de 7 meses sem publicar, o post com o último vídeo de Liv já tem 4 meses de publicado<sup>21</sup>. Nele, Liv surge às vésperas de completar 7 anos e já aparecem outros interesses, o que demonstra as diversidades de engajamentos identitários também nas distintas faixas etárias.

[...] eu sei que gosto de fazer vídeo, mas eu tenho que estudar, pra ficar mais esperta, pra aprender mais coisas, porque se eu *fazer* (sic) só vídeo, eu só vou aprender a mostrar minha cara pra vocês **e eu não quero fazer isso, eu quero ficar esperta**, e também eu quero crescer! E quando eu crescer, vocês acham que eu quero ser o quê? Começa com PO-LI-CI-A-U (sic)... Policial! Mas você pergunta: 'Ah, por que você quer ser policial?'. Porque é o mais perto que eu consigo de salvar o dia e ser um super-herói! Mas não se preocupem, estou ficando um pouco velha, mas vou fazer vídeos pra vocês mesmo assim. (MEU NOME É LIV, FIZ 7 ANOS..., 2019, grifos nossos)

A análise do canal de Liv nos demonstra o quanto é complexa a configuração de engajamentos identitários na relação com ecologias de pertencimento em ser criança. Os vídeos nos apresentam a garota através de suas opiniões em meio ao seu jeito de ser criança, como uma brincadeira como construção das subjetividades infantis.

#### **4 “Inscrito aqui na tela, nós vamos brincar!”: considerações finais**

Liv em seus vídeos nos revela engajamentos identitários em torno de ser mulher, criança e filha, aliados a ecologias de pertencimento relacionadas a questões feministas, veganismo e ativismo em defesa dos animais, ao fato de ser uma estrangeira em outro país, mesmo que ela ainda nem se dê conta

<sup>21</sup> Os dados coletados referem-se até a data de 28 de agosto de 2019.

disso profundamente e da carga que esses processos trazem. Percebemos as disputas dos engajamentos identitários a todo o momento, até mesmo nas próprias contradições do discurso de Liv: apesar de seu brinquedo favorito ser um boneco do Sonic, por exemplo, a menina não fala ao espectador que fez um aniversário em que a temática fosse o personagem, embora as outras festas tenham relação ao que se reconhece como do universo feminino<sup>22</sup>.

É salutar que os vídeos dos youtubers mirins mais populares não se diferenciam tanto em temática ou conteúdo, algo que reforça o próprio cotidiano de qualquer criança. Liv, por outro lado, se diferencia pela temática, ganhou grande visibilidade do público por conta de alguns de seus vídeos ditos como mais polêmicos, mas não atingiu números expressivos em comparação aos youtubers mais famosos, especialmente entre as crianças. Isso revela o jogo de disputas nesses engajamentos identitários de ser criança, que ainda reforça lugares de controle entre os adultos.

É notório o fato de Liv, apesar de todos os processos de mediação da sua fala, ter garantido para si um espaço para manifestar as suas subjetividades infantis na relação com os assuntos que aborda nos vídeos. A sua performance, acima de sua *persona* youtuber, nos deixa ver marcas dos seus engajamentos identitários: não há apenas uma encenação ou a criação de uma narrativa de si. Os engajamentos identitários de Liv também demonstram que sua infância não é única. Ainda assim, a infância de Liv não dialoga com outras infâncias com a mesma facilidade que outros canais de youtubers mirins, já que existem entraves tanto dos algoritmos da plataforma quanto da própria questão das temáticas, vistas como tabu para os adultos entre as crianças. Desse modo, Liv acaba tendo como público majoritário adultos.

É possível fisgar um contexto de transformação de uma interdição dura das vozes de crianças para uma mediação dessas vozes, ao serem submetidas a questões de desenvolvimento e cognição. Ainda assim, a infância e as novas formas de brincar das crianças são pormenorizadas em detrimento de uma idealização de infância como nos tempos passados. Uma das provas disso é que o fato das crianças terem espaços enquanto youtubers é desprezado enquanto brincadeira.

Podemos perceber que as crianças são sujeitos sociais ativos e construtores dos seus próprios processos de socialização, mesmo e por mais que haja a mediação de adultos. Observamos os contextos dessas crianças consumidoras, em especial os youtubers mirins, como parte de suas ecologias de pertencimento, o que possibilita a elas construírem seus próprios modos de ser e estar no mundo. Vimos que a infância, por mais difícil que seja a sua concepção, é uma construção histórica, social e cultural. Portanto, especialmente a partir do olhar para o múltiplo e complexo contexto contemporâneo, percebemos que não há como seguir entendendo a infância a partir de uma teorização essen-

<sup>22</sup> Consideramos que as festas de aniversário das crianças retratam um pouco do que as crianças gostam e do contexto em que se inserem, já que, em geral, as festas são parte da socialização das crianças com os seus pares, que, teoricamente, gostam de coisas semelhantes.

cial e estruturalista, sendo necessária sua desnaturalização e descolonização.

Não há como normatizar as experiências da infância, assim como não há como construir um modelo universal de criança. As crianças possuem seus próprios engajamentos identitários que constituem modos particulares de ser criança, mesmo que sejam a partir de culturas infantis partilhadas. Além disso, a criança é um sujeito ativo e não um adulto imaturo, compreende os contextos culturais das suas sociedades e movem-se a partir dos seus investimentos afetivos. Ser um youtuber mirim é uma parte de ser criança no contexto contemporâneo. Percebemos o quanto os engajamentos identitários das crianças dos youtubers mirins são parte de um processo de complexos elementos, aspectos e significações.

## Referências bibliográficas

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll; TOMÁS, Catarina Almeida. Estudos da Infância, Estudos da Criança: Quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? In: **Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v40i3.35869> Acesso em: 15 de janeiro de 2020.
- BICHARA, Ilka; GOMES, Sabrina Torres. Brincar só, brincar com outros, brincar em família. In: DEJO, V. B. (org). **Saúde mental infantil: fundamentos, práticas e formação**. Curitiba: Appris Editora (no prelo)
- CALDAS, Fernanda. **SE GOSTOU, DÁ UM LIKE: ANÁLISE HISTÓRICA E CULTURAL DO VLOG NO BRASIL**. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2018.
- CONHEÇA os youtubers mirins mais populares da internet. **O Globo Online**. 04 jan 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/conheca-os-youtubers-mirins-mais-populares-da-internet-brasileira-23342467> Acesso em: 16 de junho de 2019.
- CORSARO, William. **The sociology of childhood**. Los Angeles: Sage, Pine Forge Press, 2011.
- FERREIRA, Manuela; SARMENTO, Manuel Jacinto. Subjectividade e bem-estar das crianças: (in)visibilidade e voz. In: **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.2, no. 2, p. 60-91, nov. 2008. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br> Acesso em: 28 de fevereiro de 2020.
- FUENTES, Leticia. Crianças agora buscam 'carreira' de youtuber. **Veja Online**. 30 mar 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/criancas-agora-buscam-carreira-de-youtuber/> Acesso em: 15 de agosto de 2019.
- GOMES, Itania Maria Mota; ANTUNES, Elton. Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas. In: **Galaxia** (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, Especial 1 - Comunicação e Historicidades, 2019, p. 8-21.
- GROSSBERG, Lawrence. **Another Boring Day in Paradise: Rock and Roll and the Empowerment of Everyday Life**. Popular Music, Vol. 4, Performers and Audiences. (1984), pp. 225-258.
- GROSSBERG, Lawrence. **Dancing in the Spite of Myself**. Durham and London: Duke University Press, 1997.
- GROSSBERG, Lawrence. **Caught in the Crossfire: Kids, Politics and America's Future**. United States: Paradigm Publishers, 2005.
- GROSSBERG, Lawrence. **Cultural Studies in the Future Tense**. Durham and London: Duke University Press, 2010a.
- GROSSBERG, Lawrence. Affect's future: Rediscovering the Virtual in the Actual. In: GREGG, Melissa; SEIGWORTH, Gregory J. **The Affects Theory Reader**. Durham and London: Duke University Press, 2010b, p. 309-338.

MEU NOME É LIV: YOUTUBERS MIRINS E SEUS ENGAJAMENTOS IDENTITÁRIOS NA RELAÇÃO COM AS INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS

- GROSSBERG, Lawrence. **Under the Cover of Chaos: Trump and the Battle for the American Right**. London: Pluto Press, 2018.
- KOHAN, Walter. **Infância: entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LIMA, Liv. **BRINQUEDOS**. MEU NOME É LIV, 16 ago 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qVxZe0BRP1Q> Acesso em: 16 de junho de 2019.
- LIMA, Liv. **EU NÃO COMO CARNE**. MEU NOME É LIV, 21 jan 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BUCoWb2iiKI&t=32s> Acesso em: 16 de junho de 2019.
- LIMA, Liv. **Política (o dia em que descobriu o que é política)**. MEU NOME É LIV, 22 abr 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sUqU7eUHBuY&t=5s> Acesso em: 16 de junho de 2019.
- LIMA, Liv. **O QUE EU PENSO SOBRE SER VEGETARIANA (RESPEITO COM OS ANIMAIS)**. (MEU NOME É LIV, 20 mai 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xnJQo99Otxl> Acesso em: 18 de junho de 2019.
- LIMA, Liv. **IRMÃOS NETO (LUCAS NETO E FELIPE NETO) COMO CONHECI**. MEU NOME É LIV, 01 jul 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8gdrlbvngEc&t=1s> Acesso em: 20 de junho de 2019.
- LIMA, Liv. **SENTIMENTO DOS ANIMAIS, AMOR AOS ANIMAIS, GO VEGAN**. MEU NOME É LIV, 02 set 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hd4RKmmmUVY> Acesso em: 18 de junho de 2019.
- LIMA, Liv. **FIZ 7 ANOS, ANIVERSÁRIO, VOLTEI A SER YOUTUBER**. MEU NOME É LIV, 14 abr 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lr3h43ce9mo> Acesso em: 18 de junho de 2019.
- MATTHEWS, Gareth. **A filosofia da Infância**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PADRÃO, Márcio. Por que youtubers mirins viraram a nova dor de cabeça do Google no Brasil. **Uol**. 02 jan 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/01/02/por-que-youtubers-mirins-viraram-a-nova-dor-de-cabeca-do-google-no-brasil.htm> Acesso em: 15 de agosto de 2019.
- PROUT, Alan. **The Future of Childhood: Towards the Interdisciplinary Study of Children**. London: RoutledgeFalmer, 2005.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e Culturas da Infância**. Cadernos de Educação, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA, 2004, p. 9-34.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina (Orgs.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 17-39.
- TOMAZ, Renata. **O que você vai ser antes de crescer?** – youtubers, infância e celebridade. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Rio de Janeiro, 2017a.
- TOMAZ, Renata. YouTube, infância e subjetividades: o caso Julia Silva. **Eccom**, v. 8, n. 16, p. 35-46, jul./dez. 2017b.
- TOMAZ, Renata. Youtubers mirins: como a produção de conteúdo on-line por crianças sinaliza uma cultura lúdica digital. Anais de eventos: **Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – Anpocs**, GT 2 – Ciberpolítica, Ciberativismo e Cibercultura, 2017c.